

Behaviors: Ciência Básica, Ciência Aplicada
ISSN 1980-704X

é uma publicação do
Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP

**Organizadores: Mônica Helena Tieppo Gianfaldoni, Amilcar Rodrigues
Fonseca Júnior, Emerson Ferreira da Costa Leite e Rodolfo Ribeiro Dib**

Diagramação: Marcos Spector Azoubel e Thays Dutra

Corpo Docente

| | |
|---|------------------------|
| Amilcar Rodrigues Fonseca Jr | graduação e pós |
| Daniel de Moraes Caro | graduação e pós |
| Denize Rosana Rubano | graduação |
| Emerson Ferreira da Costa Leite | graduação e pós |
| Fani Eta Korn Malerbi | graduação e pós |
| Fátima Regina Pires de Assis | graduação |
| Luiz Felipe Monteiro da Cruz | graduação |
| Marcos Spector Azoubel | graduação e pós |
| Maria Amalia Pie Abib Andery | pós-graduação |
| Maria Eliza Mazzilli Pereira | graduação e pós |
| Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni | graduação e pós |
| Nilza Micheletto | graduação e pós |
| Paola Espósito de Moraes Almeida | graduação e pós |
| Paula Suzana Gioia | graduação e pós |

A figura da capa mostra parte do trabalho – as dissertações e as teses defendidas – que acumulamos no Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento desde 2001.

EDITORIAL

O LABEX teve, no ano de 2022, a sua XXVI edição. Tem sido um já tradicional evento de fechamento do ano em que nos reunimos para conhecer, reconhecer e debater os trabalhos que fizemos, valorizando a proposição de nossa teoria.

No Brasil, os desafios foram muitos e impactaram diretamente em nossa vida pessoal e profissional-acadêmica. Chegamos, neste momento, com mais esperança de que direitos humanos e coletivos sejam reestabelecidos, e a democracia e a paz sejam realidades.

Na PUC-SP, tivemos um ano difícil. Resquícios da pandemia de Covid-19 nos obrigaram a manter certo afastamento social, embora aulas já acontecessem presencialmente. E que prazer foi estarmos de novo frente a frente com nossos alunos e alunas em sala de aula, trocando ideias, fazendo perguntas, buscando respostas, num convívio fisicamente próximo, que as atividades online, por essenciais que tenham sido para que déssemos continuidade à formação de nossos alunos e alunas durante a pandemia, nunca puderam substituir à altura! Mas as demais atividades, orientações de TCC, de trabalhos de Iniciação Científica, de dissertações de mestrado e de teses de Doutorado, e todas as reuniões de professoras e professores e alunas e alunos foram realizadas à distância, sem aquele cafezinho coletivo no intervalo, em que aproveitávamos para papear um pouco, trocar ideias, contar e ouvir as novidades...

Mas conseguimos “tocar o barco” para a frente: as disciplinas aconteceram e foram produtivas; as orientações de mestrandas, mestrandos, doutorandas e doutorandos ocorreram e geraram bons trabalhos, bem avaliados por pareceristas ou por membros das bancas de defesa; o LABEX aconteceu ao final do ano, com um grande número de trabalhos apresentados e debatidos, revelando o vigor das atividades acadêmicas desenvolvidas, a despeito dos limites que a pandemia nos impôs.

Foi, portanto, mais um ano em que nossa coletividade trabalhou muito produtivamente, superando obstáculos e demonstrando que qualquer que seja a situação com a qual nos deparemos, seremos – professores, professoras, alunos, alunas, funcionários e funcionárias do PEXP – capazes de dar o melhor que tivemos para a formação acadêmica com qualidade.

O Behaviors, aqui ofertado para a comunidade de analistas de comportamento e demais pesquisadores e pesquisadoras, traz o que foi apresentado durante os dias 5 e 6 de

dezembro de 2022, e é uma amostra do produto do nosso trabalho.

Comissão Organizadora

RESUMOS DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO XXVI LABEX (2022)

Debatedora: Leticia Barbieri

| | |
|---|---|
| MARCOS SPECTOR AZOUBEL; EDCLEIA SANTOS ANGELO DA SILVA; FELIPE BARRETO DO NASCIMENTO; GUILHERME GUEDES REIS; RODOLFO RIBEIRO DIB; WEDERSON DANIEL CHAGAS | A PRESENÇA DE SKINNER NAS REFERÊNCIAS DAS COLETÂNEAS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO (ABPMC) |
| Resumo: Este estudo teve como objetivo caracterizar as referências a Skinner em capítulos das coletâneas da Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC). As informações foram obtidas por meio da análise das referências dos capítulos publicados nas coletâneas da ABPMC: Sobre Comportamento e Cognição (1997 a 2010 – volumes 1 a 27) e Comportamento em Foco (2012 a 2021 – volumes 1 a 13). No procedimento de análise foi realizada a contagem das referências totais e das referências a Skinner em cada capítulo das coletâneas. Foram analisados 1172 capítulos, que totalizaram 25.593 referências, sendo 2.022 (7,9%) referências a Skinner. Em todos os anos em que houve publicações, Skinner esteve presente nas referências. Das 295 obras produzidas por Skinner apenas 121 foram citadas durante o período analisado, sendo que as três obras mais referenciadas foram: (1) Ciência e Comportamento Humano, (2) Sobre o Behaviorismo e (3) Comportamento Verbal. A quantidade de capítulos que não citaram Skinner foi de 439 (37,5%). Assim como nas pesquisas anteriores, apesar da presença de Skinner nos capítulos se manter constante ao longo dos anos, menos da metade das obras de Skinner foram referenciadas. A partir dos dados foi possível complementar pesquisas anteriores, analisando outras fontes de informação. Por fim, sugere-se que novas pesquisas complementem este estudo, por exemplo, fazendo análises semelhantes em teses e dissertações. | |
| EMERSON FERREIRA DA COSTA LEITE; GIULIA CÂNDIDO BRUNO; CARLOS VINICIUS DIAS DE ALMEIDA; HENRIQUE CARLOS DE SOUZA; NATHÁLIA ANTUNES CENEVIVA; SEVERINO ALVES DE FREITAS JUNIOR; THAINA ANDRESSA LOPES | REFORÇAMENTO DE CINCO OPERANTES DISCRETOS EM PROCEDIMENTO DE OPERANTE LIVRE UTILIZANDO ESQUEMA LAG N |
| Resumo: Holth (2012) avaliou os efeitos de contingências de reforçamento que exigem variação (Lag N) sobre cinco operantes discretos (pressionar três diferentes barras, focinhar fotocélula e puxar corrente). Contrapondo-se à interpretação da variabilidade como um operante, os resultados foram interpretados como evidência de que a variabilidade obtida seria um produto da interação dinâmica entre reforçamento e extinção atuando sobre as diversas classes de respostas específicas. O presente estudo avaliou a generalidade desses achados quando substituídos os manipulanda utilizados, considerando que a similaridade topográfica entre três deles no estudo original pode ter afetado os resultados via indução de respostas. Para tal, quatro ratos sob privação hídrica foram submetidos a contingências Lag 0 a 4, tendo como operantes possíveis pressionar barra, focinhar, atravessar argola, tocar trapézio e girar roda com as patas, esta última inserida em Lag 4. O índice U e o número de operantes diferentes por sessão aumentaram conforme o valor de Lag N. A porcentagem de respostas reforçadas diminuiu de Lag 0 para 1 e permaneceu inferior a 50% na maior parte do estudo para todos os sujeitos. Nas curvas acumuladas de respostas do início e final de cada fase, observou-se uma replicação parcial dos resultados de Holth (2012), sendo as principais diferenças: menor estabelecimento de estereotípias, principalmente em Lag 2 e 3, ausência de pressão à barra para dois sujeitos, e não predominância do operante inserido em Lag 4 em relação aos demais. Essas diferenças foram discutidas principalmente em termos de limites metodológicos envolvendo a aplicação e o registro manuais dos eventos, e considerando-se o possível papel do custo diferencial de respostas no presente estudo e da indução de respostas no estudo original. | |
| DANIEL DE MORAES CARO; ABEL AUGUSTO TRINDADE NETO; KRISLAINY SOUSA DEGEN; MAYSÁ ROZIANNA TOSCANO BATISTA; MEIRIANE AZEVEDO; VALQUÍRIA PUCU WOLLMANN DO AMARAL | EFEITO DE UMA REGRA ESPECIFICADORA DE UMA RESPOSTA DE FUGA SOBRE A SUPRESSÃO CONDICIONADA |
| Resumo: Um dos modelos experimentais para o estudo da ansiedade é o da supressão condicionada. O modelo permitiu investigar variáveis que geram, mantêm e eliminam o fenômeno da supressão condicionada. Investigações experimentais subsequentes mostraram que um estímulo que antecede imediatamente um estímulo aversivo incontrolável gera mais supressão condicionada do que um estímulo que antecede imediatamente um estímulo controlável. A presente pesquisa consistiu em um estudo experimental sobre efeito de uma regra especificadora de uma resposta de fuga e de esquiva sobre a supressão condicionada já estabelecida. Na fase 1, respostas de clicar em um quadrado em movimento produziam pontos em vários esquemas de reforçamento de intervalo variável (VI). Na fase 2, o responder foi estabilizado em esquema de VI 1min. Na fase 3, um som baixo, seguido pela perda de pontos e de um som alto foi sobreposto ao responder mantido por VI 1min. Na fase 4, uma regra especificadora de uma resposta de fuga do som alto e de esquiva da perda de pontos foi apresentada aos participantes, que permaneceram respondendo em VI 1min, mas só eram expostos ao som baixo. Os resultados obtidos não viabilizaram a investigação do efeito da regra, uma vez que o responder de nenhum participante apresentou supressão condicionada. Algumas variáveis empregadas foram discutidas como possíveis explicações para o estudo não ter sido bem-sucedido em gerar supressão condicionada. | |
| EMERSON FERREIRA DA COSTA LEITE, GABRIELLE SKALLA TRONQUINI E GUSTAVO FORTES STAUDOHAR | EFEITOS DO CONTEXTO AMBIENTAL DE REALIMENTAÇÃO INTERMITENTE COM ALIMENTOS PALATÁVEIS APÓS A RESTRIÇÃO ALIMENTAR EM RATAS |
| Resumo: Avaliou-se os efeitos da mudança de contexto sobre o consumo e sobre o responder reforçado com alimento regular e palatável após história de restrição com acesso intermitente a esses alimentos. Para tal, depois de linha de base do responder sob esquema concorrente VI10-VI10s, 10 ratas foram distribuídas em grupos expostos a 4 diferentes histórias por 6 ciclos, com 4 dias de restrição e 3 de acesso a alimento regular e palatável nas caixas-viveiro (R/P CV), ou nas caixas-viveiro e em caixa de condicionamento operante (R/P CO), ou sem restrição e sem acesso a alimento palatável com sessões operantes (NR/R CO) ou sem (NR/R CV). Após os ciclos, foram realizados testes operantes do valor reforçador dos alimentos com todos os sujeitos, nos quais apenas alimento regular ou regular e palatável foram oferecidos como reforçadores, com ou sem privação alimentar. Os resultados mostraram maior consumo de alimento e maior número de respostas nos sujeitos R/P em relação aos NR/R. Além disso, os sujeitos R/P CV consumiram mais do que dois dos quatro sujeitos R/P CO, sugerindo um papel da mudança de contexto no comportamento alimentar, embora não de maneira conclusiva. Identificou-se também que, para todos os sujeitos CO o | |

| | |
|--|---|
| consumo nas sessões operantes correspondeu de 10% a 30% do seu consumo diário. O estudo contribui para a adaptação de modelo animal de compulsão alimentar para o uso de medidas operantes, tornando-o mais compatível à metodologia de pesquisa analítico-comportamental. | |
| DANIELA COTRIM BASILE DE CARVALHO; NILZA MICHELETTO | CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DE UM MODELO DE AVALIAÇÃO DE BEM-ESTAR PARA ORGANIZAÇÕES BASEADO NOS PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO |
| <p>Resumo: Os índices de ansiedade, depressão e burnout são alertas para o mundo do trabalho e desafiam os analistas do comportamento a não apenas planejar contingências ideais de trabalho que levem a uma maior produtividade nas empresas, mas que estas não prejudiquem a qualidade de vida das pessoas. Neste estudo, descreve-se o bem-estar no ambiente de trabalho com base nos princípios da análise do comportamento e em variáveis como relato de satisfação e das experiências no trabalho, horas trabalhadas, saúde, relações no ambiente de trabalho, impacto social dos produtos do trabalho e contingências sociais específicas vividas pelos indivíduos. O objetivo é a criação e aplicação de um modelo de avaliação dessas variáveis de bem-estar no ambiente de trabalho. Para isso, conduziu-se uma avaliação com 33 funcionários de uma empresa de pequeno porte de São Paulo, SP, em cinco etapas: (1) construção de questionário; (2) aplicação do questionário e análise de dados; (3) entrevistas; (4) análise de documentos; e (5) observação direta de comportamentos-alvo em ambiente natural. Os resultados demonstram que a combinação do questionário com entrevistas individuais permitiu a identificação de condições aversivas do contexto organizacional que impactavam o bem-estar, sobretudo no relato de satisfação e relações no ambiente de trabalho. A análise de documentos apoiou a identificação de processos organizacionais a serem aperfeiçoados, como a estrutura de cargos e salários e sistema de gestão do desempenho. A observação direta não trouxe dados relevantes para a análise das condições aversivas. Conclui-se que o aprimoramento desse modelo de avaliação pode colaborar para que analistas do comportamento identifiquem condições que interferem no bem-estar do trabalhador e planejem intervenções nos sistemas organizacionais que visem a melhorar a qualidade de vida e as relações de trabalho para as pessoas.</p> | |
| MARIA VANESSE ANDRADE; MÔNICA HELENA TIEPPO ALVES GIANFALDONI | O ACOHLIMENTO A DEMANDAS RELACIONADAS AO COMPORTAMENTO SUICIDA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE SOB O ENFOQUE ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL |
| <p>Resumo: O comportamento suicida é um fenômeno complexo e multifatorial. No âmbito da saúde pública, o acesso de pessoas que apresentam alguma classe de comportamento suicida ocorre majoritariamente por meio das redes de urgência/emergência (atenção terciária/hospitais) e das redes de cuidado continuado (Atenção Primária à Saúde (APS)/Unidades Básicas de Saúde (UBS)). O presente trabalho foi dividido em dois estudos. O primeiro teve como objetivos: (1) realizar um levantamento de estudos nacionais e internacionais sobre o atendimento de pessoas na APS e (2) identificar nos estudos sobre o atendimento de pessoas em serviços primários as orientações quanto ao acolhimento/atendimento, rastreio e/ou avaliação de risco de suicídio e encaminhamentos. Foram selecionados 22 estudos coletados nas bases PubMed, Portal Regional da Saúde e Cochrane Library. O segundo estudo objetivou (1) avaliar os documentos e normativas técnicas que regem o fluxo de atendimento de Acolhimento na APS no contexto brasileiro e (2) identificar, com base no procedimento desenvolvido por Todorov et al. (2004), possíveis contingências presentes nos documentos quanto ao Acolhimento, especialmente das demandas relacionadas ao comportamento suicida. Dentre as 21 contingências encontradas apenas seis eram completas. O uso de termos peculiares do Sistema Único de Saúde (SUS) foi considerado um dificultador para o procedimento de acolher. Ainda, identificou-se algumas divergências quanto às orientações sobre o acolhimento/atendimento pessoas que apresentam alguma classe de comportamento suicida, provavelmente decorrentes da origem da maioria dos estudos revisados (internacional) e os dos documentos avaliados (nacional). A partir dos achados nos estudos 1 e 2 foi elaborado um material autoinstrutivo de base analítico-comportamental, ainda em teste, que poderá vir a ser utilizado por profissionais que atuam no Acolhimento na APS no Brasil.</p> | |
| KARINA CARPI; PAULA SUZANA GIOIA | INTERVENÇÕES MEDIADAS POR PARES (PMI) E O ENSINO DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) |
| <p>Resumo: Uma das principais características de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o comprometimento do comportamento social, especialmente se esse ambiente social for constituído por pares. A Intervenção Mediada por Pares (PMI, do inglês Peer-Mediated Intervention) tem se mostrado um procedimento eficaz para o desenvolvimento da interação social entre crianças com TEA e seus pares no ambiente escolar. Na presente metanálise, objetivou-se analisar a eficácia dos procedimentos de pesquisas experimentais aplicadas, relatadas em revisões de literatura, que utilizaram PMI com crianças com TEA. Além disso, foram analisados os resultados de generalização e de manutenção dos comportamentos ensinados. Os resultados mostraram que implementar o procedimento de PMI promoveu mudanças no comportamento social de crianças com TEA, apesar de não ter sido identificada a estratégia de PMI mais adequada para determinadas características de crianças com TEA e seus pares. Outro aspecto apontado é que houve lacunas nos estudos, em especial no que se refere aos dados de validade social, generalização e manutenção do procedimento implementado.</p> | |
| RENATA MICHEL; MARIA ELIZA MAZZILLI PEREIRA | ANÁLISE FUNCIONAL EM INTERVENÇÕES DE FUNCTIONAL COMMUNICATION TRAINING PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E EFEITOS DO USO DE RAZÃO PROGRESSIVA EM UM ESQUEMA ENCADEADO DE TREINO DE COMUNICAÇÃO FUNCIONAL |
| <p>Resumo: O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é marcado por déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, o que pode levar ao desenvolvimento de comportamentos disruptivos. O Treino de Comunicação Funcional (FCT) tem sido apontado como uma intervenção efetiva para o ensino e o aumento de comportamentos verbais alternativos e a diminuição de padrões disruptivos de respostas. O presente estudo teve o objetivo de identificar quais as modalidades de análise funcional têm sido utilizadas em estudos que empregaram o FCT como intervenção para indivíduos com TEA. Buscas em quatro bases de dados levaram à identificação de 44 estudos, que, em sua maioria, empregaram o modelo de análise funcional tradicional, em um delineamento multielementos, com quatro condições experimentais. A maior parte das respostas ensinadas no FCT foram vocais e gestuais, sendo a intervenção eficaz na maioria dos casos. Discutem-se os diferentes modelos de análises funcionais existentes e, com relação ao FCT, pode-se corroborar com a literatura vigente que aponta a prática como baseada em evidências. Apesar da eficácia comprovada, o FCT exige que a resposta verbal seja reforçada em esquema de reforçamento contínuo, o que limita sua utilização em contextos aplicados. Uma alternativa para diminuir a</p> | |

frequência de apresentação do reforço no FCT é a utilização de esquemas encadeados. Nesses esquemas, são apresentados dois componentes: no componente S- a resposta de comunicação funcional não produz reforço e exige-se do participante que realize alguma atividade; após o participante atingir o critério estabelecido para a atividade, o componente é alterado para S+, no qual a resposta de comunicação funcional é reforçada. Geralmente, os autores dos estudos planejam o aumento do critério no componente S- ao longo das sessões experimentais; entretanto, uma alternativa é a utilização do esquema de reforçamento de Razão Progressiva (Progressive Ratio – PR). Nesse esquema o critério para a resposta é aumentado a cada tentativa. O presente estudo teve como objetivo verificar os efeitos da utilização do PR1 e do PR2 em um esquema encadeado de FCT. Seis crianças que apresentavam comportamento disruptivo mantido por fuga passaram pelo procedimento de FCT e foram divididas em dois grupos, que diferiam de acordo com a ordem de apresentação dos esquemas de razão progressiva: PR2-PR1 (Grupo 1) e PR1-PR2 (Grupo 2). O Grupo 2 (PR1-PR2) apresentou um maior número total de respostas de realização da atividade quando comparado ao Grupo 1 (PR2-PR1), o que sugere que apresentar o esquema menos exigente (PR1), seguido pelo esquema mais exigente (PR2) facilitou a aprendizagem e melhorou o desempenho dos participantes. Apesar de pouco utilizado em pesquisas aplicadas, o esquema de razão progressiva se mostrou eficaz no ensino e no aumento da exigência de respostas em esquemas encadeados. Este estudo abre a perspectiva para que outros experimentos sejam realizados utilizando o esquema de razão progressiva, principalmente no ensino de comportamentos encadeados, no qual a utilização do PR pode facilitar a aprendizagem, por aumentar a exigência de resposta ao longo das tentativas.

Debatedor: Matheus Henrique de Souza Mello

| | |
|---|---|
| FLÁVIA MARIA MASCARENHAS VERAS MORAIS; NILZA MICHELETTO | ENSINO SIMULTÂNEO DE MANDOS POR INFORMAÇÃO MANIPULANDO OPERAÇÕES MOTIVADORAS: UMA REPLICAÇÃO SISTEMÁTICA DE LEMOS (2017) |
| <p>Resumo: O mando por informação é parte importante da comunicação e há dificuldades em estabelecê-lo em pessoas com diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA). Este estudo, uma replicação sistemática de Lemos (2017), tem como objetivos: (a) verificar a eficácia de um procedimento de ensino simultâneo com atraso no tempo de apresentação do modelo ecoico na aquisição dos mandos por informação “Qual?”, “Quem?” e “Onde?”, sob as condições de operações motivadoras (estabelecedora – OE; e abolidora – OA); e (b) avaliar a generalização da emissão do mando “Qual?” para outros recipientes e do mando “Onde?” para outro local. Duas crianças com TEA foram submetidas a um procedimento de cinco fases: (1) pré-avaliação, para examinar repertórios prévios de habilidade de seguimento de instrução; (2) linha de base, com tentativas intercaladas dos três mandos, nas condições de OE e OA em bloco misto; (3) ensino dos três mandos com procedimento de atraso no tempo de apresentação do modelo ecoico dos mandos por informação, realizado em duas etapas: Etapa 1, ensino de cada mando isoladamente; e Etapa 2, ensino com blocos mistos, com os mandos randomizados; (4) pós-teste, igual à linha de base, após cada etapa de ensino; e (5) teste de generalização do uso de “Qual?” para outros recipientes e “Onde?” para outro local. Ao final, ambos os participantes emitiram respostas diferenciais entre as condições em tentativas randomizadas no ensino e no teste de generalização. Flávio concluiu a Etapa 1 e, atingido o critério no pós-teste, não necessitou do ensino da Etapa 2. Christiani alcançou o critério da pesquisa após as duas etapas. Discutem-se pontos convergentes e divergentes dos participantes e analisam-se os dados a partir de Lemos (2017) e Shillingsburg et al. (2011).</p> | |
| GABRIEL SPATAFORA; NILZA MICHELETTO | UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS ESTUDOS EXPERIMENTAIS REALIZADOS SOBRE AUTOCLÍTICOS |
| <p>Resumo: Skinner (1957) realizou uma classificação de respostas verbais, propondo operantes primários (mando, tato, ecoico, intraverbal, textual, transcrição) e indicou o autoclítico como secundário, que teria função de modificar o efeito dos operantes primários de acordo com as necessidades específicas da situação, ocorrendo obrigatoriamente em conjunto com a composição, que seria a emissão de respostas verbais novas. Segundo revisões de literatura sobre o comportamento verbal, o autoclítico é o operante verbal menos estudado. O objetivo da presente pesquisa é realizar uma revisão bibliográfica de estudos sobre o autoclítico em periódicos, incluindo pesquisas experimentais (básicas e aplicadas). A coleta dos artigos analisados foi realizada em três bases de dados com o objetivo de englobar artigos científicos internacionais e nacionais: PsycINFO, PubMed e Scielo, utilizando as palavras “autoclítico”, “gramática AND análise do comportamento” e “composição AND análise do comportamento”. Foram selecionados 25 artigos para revisão, 20 abordando o autoclítico enquanto VD e cinco com o autoclítico enquanto VI. De forma geral, para as pesquisas que empregam o autoclítico enquanto VD, foram analisados os tipos de autoclíticos utilizados, os procedimentos de ensino utilizados e seus efeitos sobre a VD, o uso de estímulos novos em fases de treino e testes para aferição de comportamento verbal novo, as diferentes formas de se realizar a linha de base e o levantamento de repertórios que são pré-requisitos para aprendizagem de autoclíticos. Para os estudos que investigaram o autoclítico enquanto VI, foram analisadas as diferentes VIs, VDs e resultados em conjunto com os delineamentos experimentais. Para os estudos que empregaram o autoclítico enquanto VD, o tipo de autoclítico mais estudado foi o relacional, o procedimento empregado com maior frequência foi o MET, foi predominante o uso de linha de base com reforço de respostas corretas, o tipo de levantamento de respostas pré-requisitas utilizado com maior frequência foi feito através de ferramentas avaliativas padronizadas. Para as pesquisas que investigaram o autoclítico enquanto VI, a VD mais frequentemente utilizada foi a resposta de leitura, e a VI mais frequentemente utilizada foi o uso do autoclítico em instruções. A partir disto são indicadas novas questões de pesquisa.</p> | |
| MAYNARY ELIZABETHE AZEVEDO DE SOUZA; NILZA MICHELETTO | EFEITOS DE REFORÇAMENTO NÃO CONTINGENTE SOBRE RESPOSTAS PRÉ-ESTABELECIDAS E ENSINO DE NOVAS RESPOSTAS: UM ESTUDO TRANSLACIONAL |
| <p>Resumo: Reforçamento Não Contingente (NCR) é muito usado para redução de comportamento problema na intervenção e pesquisas em ABA, conjugado a DRA pode promover o ensino do novas respostas. O presente estudo se baseia nos achados por Kelley et al. (2017) e tem como objetivos analisar: a) a generalização dos resultados entre espécies; b) mecanismos pelos quais NCR atua; c) os efeitos de NCR+DRA sobre respostas pré-instaladas; d) os efeitos de NCR sobre a aquisição e manutenção de novas respostas; e) quantidades mínimas de NCR suficientes para redução de respostas-alvo. 4 roedores foram submetidos as Fases (1) Aquisição de Resposta (RPI), que contou com Modelagem, CRF e VI 15 segundos para resposta de puxar o triângulo; (2) Condição Sistemática, a liberação de diferentes quantidades de NCR em ordem crescente e decrescente, concomitante ao reforçamento da resposta alternativa (DRA) de pressão a barra (RBA) e; (3) Condição Randômica, mesmas quantidades de NCR</p> | |

da Condição anterior dispostas em ordem aleatória, concomitante a DRA. Os resultados sugerem que há generalização entre as espécies, que NCR pode atuar por mais de um mecanismo para promover a redução de respostas pré-instaladas, além de resultar no retardo da aquisição de uma nova resposta, assim como competir com sua manutenção, a depender das quantidades dispostas de liberação de reforçadores.

Debatedor: Bianca Ferreira Romano

| | |
|--|---|
| JOÃO EDUARDO CATTANI; MARIA ELIZA MAZZILLI PEREIRA | AS COMPETÊNCIAS CLÍNICAS PARA AS DIFERENTES TERAPIAS COMPORTAMENTAIS |
| <p>Resumo: A Terapia Comportamental, desde seu surgimento na década de 1950, apresenta uma série de divergências internas. Nos Estados Unidos, foi proposto que as terapias comportamentais fossem organizadas em ondas. Cada onda abrange uma série de abordagens e siglas que apresentavam diferentes pressupostos teóricos. Apesar das dificuldades de uma comparação direta entre as propostas psicoterapêuticas americanas e brasileiras, sabe-se que as abordagens americanas exercem diversas influências em psicoterapeutas brasileiros. Essa influência de diferentes abordagens tem levado pesquisadores a afirmar que a área pode acabar se fragmentando ainda mais. O presente trabalho analisou os manuais de diferentes psicoterapias de base comportamental, à luz de uma formação baseada em competências encontradas na literatura, e esclareceu o que tem sido ensinado para os psicoterapeutas pelos proponentes de diferentes propostas americanas (Psicoterapia Analítica-Funcional, Terapia Comportamental Dialética e Terapia de Aceitação e Compromisso) e brasileiras (Terapia Analítico-Comportamental e Terapia por Contingências de Reforçamento). O resultado compilou as competências para cada uma e demonstrou que os aspectos centrais para as abordagens, como determinismo ambiental, avaliação do caso e intervenção, são semelhantes. As diferenças foram notadas no estilo dos autores e nos aspectos teóricos enfatizados, como a filosofia da ciência e a formulação de caso. Esse conhecimento pode facilitar a elaboração de grades curriculares, complementar estudos de processos clínicos e propiciar uma visão crítica para quem se propõe a ser terapeuta comportamental na atualidade.</p> | |
| PAULO HENRIQUE MENDES; DANIEL DE MORAES CARO | SACHER-MASOCH: UMA ANÁLISE BEHAVIORISTA RADICAL |
| <p>Resumo: Este trabalho buscou investigar explicações que a Análise do comportamento poderia oferecer para comportamentos masoquistas e verificar de que forma autores de outras áreas do conhecimento poderiam auxiliar no embasamento dessas explicações. Método: Inicialmente, foi feita uma busca sobre o tema dentro da própria Análise do comportamento, mas uma escassez de produções nesse campo relacionadas à sexualidade instigou uma investigação de textos de outras áreas. A psicanálise foi a primeira opção. Entretanto, dois profissionais da área recomendaram recorrer ao livro “Sacher-Masoch: o frio e o cruel” de Gilles Deleuze, filósofo que contribuiu consideravelmente para a psicanálise. A obra apresentava comportamentos verbais e não-verbais do próprio autor, Leopold von Sacher-Masoch, que inspirou o nome da “patologia”. Foram retirados trechos que apresentassem descrições de comportamentos masoquistas e identificados que contingências poderiam estar envolvidas para explicá-los. Resultados: Hipóteses teoricamente sustentáveis foram então formuladas para explicar os comportamentos masoquistas encontrados no livro baseando-se em conceitos e experimentos da Análise do comportamento. Quatro classes estímulos foram identificadas e divididas em tópicos dentro dos quais elaborou explicações de como mantinham os comportamentos masoquistas. Conclusão: O masoquismo foi entendido como resultado de alguns tipos de contingência específicos (em geral aversivas) presentes no histórico de vida de Sacher-Masoch, incluindo relações com sua cultura. Foram sugeridas formas de prevenir e tratar problemas relacionados e substituir operantes masoquistas (indesejados) por comportamentos menos danosas para o indivíduo. Por fim, é mencionado de que forma a utilização de um autor de outra área do conhecimento foi ou não útil para este trabalho e apresentado um possível desdobramento experimental para aprofundar o entendimento do estabelecimento de comportamentos masoquistas.</p> | |
| GRAZIELLE WILLIAN BONFIM; NILZA MICHELETTO | TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O IMPACTO NOS IRMÃOS E IRMÃS COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO |
| <p>Resumo: Pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam diversos prejuízos em suas vidas diárias. Além disso, a demanda por cuidados do indivíduo com TEA ao longo da vida é contínua, o que pode impactar de diversas maneiras a vida de seus irmãos e irmãs com desenvolvimento típico (ITEA). O objetivo dessa pesquisa é identificar possíveis variáveis nas interações familiares que atuam sobre o comportamento dos ITEA, utilizando como fonte de dados o relato verbal dos pais. Participaram deste estudo dez mães de filhos com desenvolvimento típico e filhos com diagnóstico de TEA, todos com idade entre 2 anos e 6 meses até 10 anos. O procedimento de coleta escolhido foi o de entrevista semiestruturada. As entrevistadas responderam perguntas sobre a caracterização familiar, rotina dos pais, rotina dos filhos, sobrecarga materna, dificuldade na interação materna com o ITEA, dificuldade na interação entre os filhos, comentários que os ITEA costumam fazer sobre o irmão com TEA, aspectos da relação entre os filhos favorecedoras para o desenvolvimento deles e encaminhamentos que a família já buscou para os ITEA. A maioria das mães e pais das famílias participantes (7 de 10) possuem alta escolaridade e são formadas majoritariamente por pais casados (9 entre 10). São as mães que se mais dedicam ao cuidado dos filhos. Sete entre as dez mães trabalham. Os pais têm predomínio de horas diárias dedicadas ao trabalho remunerado, entretanto observa-se que são as mães que mais se dedicam às outras atividades, como, por exemplo, cuidados com tarefas domésticas. Em relação a sobrecarga do cuidador, o tempo pessoal, o estresse pelo cuidado dos filhos, família e trabalho e a ausência de privacidade são aspectos bastante afetados na maioria das entrevistadas (7 de 10). Nas dificuldades maternas sobre o relacionamento com o filho ITEA, as categorias com maiores ocorrências foram as “assimetria na forma de tratamento percebida pela mãe”, seguida da categoria “ciúmes” e “chamar atenção”. Na perspectiva dos ITEA, os comportamentos do irmão com TEA que mais contribuíram para dificuldades na relação entre irmãos foram os comportamentos hetero e auto lesivos, enquanto na perspectiva do irmão com TEA, “iniciar uma brincadeira/convidar para brincar” foram as dificuldades que mais contribuíram para adversidades no relacionamento entre os irmãos. A análise dos aspectos relatados sobre a relação entre os irmãos que favorecem o desenvolvimento de ambos os filhos, identifica-se maior ocorrência nos aspectos que favorecem os filhos com TEA do que os ITEA. Sete das dez mães relataram que buscaram ajuda para as dificuldades enfrentadas pelos ITEAs. As demandas de quatro entre as sete famílias que buscaram alguma ajuda se referem a preocupações em relação ao desenvolvimento do ITEA (e.g. TDAH, suspeita de autismo, baixa atenção e concentração e atraso na aquisição de fala). Enquanto as demais famílias buscaram ajuda em razão de preocupações relacionadas a interação do ITEA com a família. Os dados obtidos podem dar elementos para compreender a dinâmica familiar frente à demanda por cuidados contínuos do indivíduo com TEA ao longo da vida e para novas</p> | |

| | |
|--|---|
| pesquisas que complementaríamos a compreensão da questão proposta. E, para além disso, compreender como isso pode impactar diretamente e de formas diversas a vida dos ITEA. | |
| MATHEUS HENRIQUE DE SOUZA MELLO; PAOLA ESPÓSITO DE MORAES ALMEIDA | EFEITO DO CONTROLE CONTEXTUAL DA TRANSFORMAÇÃO DE FUNÇÃO SOBRE UMA RESPOSTA DE ESQUIVA DERIVADA: UM ANÁLOGO EXPERIMENTAL DE DESFUSÃO COGNITIVA |
| <p>Resumo: O objetivo da presente pesquisa foi construir um análogo experimental do procedimento de desfusão cognitiva, técnica terapêutica da Terapia da Aceitação e Compromisso (ACT). Para isso, buscou-se estabelecer variáveis com o efeito de controle contextual sobre a ocorrência e não ocorrência da transformação de funções de estímulos, uma vez que, conforme a literatura, tal é a relação funcional subjacente a esta intervenção. Três classes de equivalência foram estabelecidas (A1B1C1D1; A2B2C2D2; A3B3C3D3). Uma resposta de esQUIVA sob controle da função aversiva de D3 foi estabelecida. Um contexto amarelo foi correlacionado ao reforçamento positivo de respostas a C1 e C2 coerentes com suas funções derivadas (Contexto Fusão), enquanto um contexto roxo foi correlacionado ao reforçamento positivo de uma resposta a C1 e C2 alternativa as suas funções derivadas (Contexto Desfusão). O análogo de desfusão cognitiva consistiu em verificar o efeito da apresentação e retirada dos Contexto Fusão e Desfusão sobre a ocorrência da esQUIVA derivada ao estímulo D3. Dois experimentos foram conduzidos e, em cada um, apenas um participante apresentou o padrão de comportamento hipotetizado. Implicações conceituais, desdobramentos clínicos e direções futuras de investigações foram discutidos.</p> | |
| BEATRIZ SCARAMUZA MUNIZ; MARILDA PIERRO DE OLIVEIRA RIBEIRO | FERRAMENTAS ANALÍTICO COMPORTAMENTAIS PARA PROMOÇÃO DE UM ENSINO DE QUALIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA |
| <p>Resumo: A educação se dispõe como uma ferramenta importante para a sociedade, sendo a chave para obter qualidade de vida e comportamentos relevantes para promoção do desenvolvimento da sociedade. Ainda assim, é possível observar pesquisas que apontam para recorrências nos índices de repetências e evasões escolares no Brasil. Diante disso, Skinner e Sidman discorrem sobre o uso de práticas coercitivas como ferramentas ineficientes e que podem trazer consequências indesejadas para o processo de ensino. Ademais, autores como Botomé explicitam as dificuldades causadas pela falta de programas coerentes de ensino. Em vista disso, o objetivo dessa pesquisa foi de verificar, através de uma revisão bibliográfica, estratégias de intervenção analítico comportamentais no ensino para promoção do bom desempenho e permanência na escola. Pôde-se identificar uma variedade de intervenções que programaram diferentes contingências que apresentam resultados positivos para a diminuição de comportamentos disruptivos, aumento do engajamento nas atividades e na qualidade das interações em sala. Para mais, é apontada a necessidade da extensão de estudos que avaliem as variáveis do ambiente intra e extraescolar em diferentes populações, além da importância de observar o que promove a manutenção dos comportamentos indesejados em sala.</p> | |
| AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR; PAULA SUZANA GIOIA; ARTHUR LUIZ NOVAES RESENDE; FELIPE MACHADO ESTEVES ALVES; GABRIELA LEANDRO PEREIRA; GABRIELA MARTINS DE JESUS; GABRIELA TIBA KATSURAGAWA; JOÃO VITOR VICENTE MEDEIROS; LUCIANA LONGO LOPES; RODRIGO LOYOLA DE ANDRADE; VINICIUS DEAMO GUSMÃO; ANA LUÍSA MIYASHIRO FLOSI; ANDRÉ CAMARGO GANDUR; EDUARDA PALUDO PEREIRA; LAURA GABRIELLE SOUZA EGILIO; MARÍLIA FERNANDA PEREIRA MARCONDES; MARINA COSTA JUCÁ; SAULO SIROTA PALMA; VICTOR ALVES TOSCANO; ANA LUIZA LARSSON VIDIGAL; AMANDA BARONI SANTI ANTUNES; BRUNA BRAJATO SANDRESCHI FONTES; CLARICE GALVÃO DE OLIVEIRA BUGARIB | ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO |
| <p>Resumo: Por muitos anos, o laboratório didático com animais não humanos tem se feito presente nos cursos de Análise do Comportamento, servindo como importante recurso pedagógico para o ensino de observação sistemática e repertório de experimentação, como medição e manipulação de eventos, controle de variáveis externas, formulação de hipóteses e perguntas de pesquisa, análise e comunicação de dados, manutenção do ambiente de pesquisa e ética no trabalho com animais não humanos. Como alternativa a essa forma de trabalho, tem-se proposto o uso de softwares que simulam o ambiente de pesquisa e laboratórios didáticos com seres humanos, em que estudantes desempenham o papel de experimentadores e participantes. Na literatura, encontram-se críticas contundentes ao uso de softwares e discussões sobre a falta de padronização de procedimentos no laboratório didático com seres humanos, além da ausência de evidências de que esse formato replica, com a mesma qualidade, as condições de ensino oferecidas pelo laboratório com animais não humanos. Tendo isso em vista, buscou-se avaliar, a partir de dados derivados de uma atividade didática, se recém-ingressos no curso de Psicologia (n=27) descrevem mais (ou menos) precisamente o processo de discriminação simples, a depender de quem observam se comportando: ratos ou seres humanos sob condições análogas. Os estudantes foram expostos a vídeos e, posteriormente, lhes foi perguntado o que observaram e como explicariam o que foi observado. Os relatos foram classificados de acordo com quatro categorias: (A) inferência de eventos internos; (B) inferência de comportamentos não ocorridos; (C) inferência de finalidade das ações; e (D) relatos precisos. O acordo entre observadores foi sempre igual ou maior que 80%. Como resultado, foi observado que a frequência de imprecisões do tipo A e B foi similar no relato do comportamento do rato e do ser humano (A: 69 e 65; B: 8 e 3, respectivamente), enquanto imprecisões do tipo C foram mais frequentemente observadas no relato sobre o comportamento humano (46 contra 15). Relatos precisos (D) foram mais frequentes no relato sobre o comportamento do rato (96 contra 63). Sugere-se que a história mais ampla e variável de seres humanos e a sua capacidade para se comportar verbalmente podem ter aumentado a probabilidade de ocorrência de inferências sobre a finalidade de suas ações, dificultando relatos precisos.</p> | |
| GIULIA GERARDI ERHARDT; AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR | IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DO MENTALISMO SEGUNDO A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO |
| <p>Resumo: O mentalismo pode ser compreendido como a prática segundo a qual as causas do comportamento são atribuídas a eventos do interior do organismo. Essa concepção se opõe ao modelo analítico-comportamental por assumir que aquilo que ocorre sob a pele explica ações diretamente observáveis, negligenciando variáveis ambientais relevantes. Com isso, o</p> | |

mentalismo restringe a compreensão sobre o comportamento humano e, assim, sobre a sociedade. Levando isso em conta, este trabalho teve como objetivo investigar as objeções políticas ao mentalismo segundo analistas do comportamento. Foram revisados artigos com referencial teórico analítico-comportamental publicados em 18 periódicos nacionais e internacionais. Acessando o sistema de busca avançada dos periódicos, foram utilizados os termos descritores “mentalismo”, “mentalista”, “causas internas”, “mentalism”, “mentalíst”, “mentalistic” e “inner causes”. Dentre os artigos únicos encontrados, 784 mencionavam ao menos um dos termos descritores no corpo do texto. Dentre esses, 31 continham parágrafos que relacionavam o mentalismo a temáticas sociopolíticas. Após a leitura integral de cada um, foram selecionados 30 parágrafos, agrupados nas seguintes categorias de análise: (1) justificativa para a definição do mentalismo enquanto ideologia e (2) caracterização da prática mentalista enquanto ferramenta ideológica. Os resultados obtidos permitiram caracterizar o mentalismo como uma ideologia, cuja função é manter o poder da classe hegemônica e o sistema político-econômico liberal, prevenindo transformações sociais estruturais. Discute-se como a prática do mentalismo contribui para opressões relacionadas à classe, gênero e raça e como se expressa em nível institucional. PIBIC-CNPq.

Debatedor: João Manoel Rodrigues Neto

| | |
|--|---|
| <p>PAOLA ESPÓSITO DE MORAES ALMEIDA; BEATRIZ SCARAMUZA MUNIZ; BEATRIZ SCARTEZZINI; DANIELA PIEPZICKYS; JOÃO PEDRO SANCHEZ; KAREN HEYMANN; LÉO GUARNIERI; SOFIA HAMOUI</p> | <p>ANÁLISE FUNCIONAL DE COMPORTAMENTOS OBSESSIVOS COMPULSIVOS: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA COMPORTAMENTOS NEGATIVAMENTE REFORÇADOS - GRUPO CENTOC</p> |
| <p>Resumo: O presente trabalho teve por objetivo identificar e corrigir contingências mantenedoras dos comportamentos obsessivos-compulsivos e agressivos do participante Pedro, de 22 anos, cuja queixa envolvia, também, ausência de atividades produtivas, excesso no uso de jogos e dificuldades de sono. Para identificação de contingências relevantes no controle desses comportamentos foram conduzidas avaliações indiretas a partir de entrevistas com P e seus familiares e observação direta de seus comportamentos durante as interações com os terapeutas e outros clientes do grupo. Como resultado da avaliação, foram sugeridas as hipóteses de que os comportamentos obsessivos-compulsivos e de agressividade de P seriam reforçados por consequências diversas, que envolviam retirada de demandas acadêmicas e domésticas, oferta de atenção e obtenção de itens exigidos. O sono irregular de Pedro, por sua vez, parecia garantir a suspensão de demandas e censuras que se apresentam quando acordado, além de permitir acesso à contatos sociais com amigos, a partir do uso de jogos eletrônicos durante a madrugada. Uma análise do histórico relatado indica condições que possam ter favorecido os comportamentos observados, dentre as quais um histórico de bullying e fracasso escolar e de reforçamento de comportamentos de dependência pela família, o que impediu o fortalecimento de repertórios importantes para o participante, como a resolução de problemas de forma autônoma, participar de atividades acadêmicas ou profissionais, realizar atividades domésticas, locomover-se a partir do uso de transporte público, dentre outros. Tendo em vista tais suposições, a intervenção foi planejada a fim de estimular o engajamento de P. em atividades produtivas, além de orientar e apoiar a família na manutenção de propostas de desenvolvimento de sua autonomia. A fim de estimular esses comportamentos foram realizadas sessões semanais de atendimento presencial com o grupo do CENTOC e sessões individual online, focadas na realização de um curso (de inglês) na presença dos terapeutas. Também foram realizadas sessões de orientações com os pais de forma remota e via WhatsApp. Os procedimentos utilizados foram: fading in de demanda, escolha de atividades, reforçamento diferencial das descrições de consequências reforçadoras ou punitivas das ações de P e de seus familiares, modelagem e refinamento do repertório de habilidades sociais e de realização de tarefas (fazer o curso de inglês, ler livros, participar de atividades domésticas, usar transporte público). Atualmente, o participante completa semanalmente aulas do curso na presença dos terapeutas, comparece em sessões do grupo, utiliza transportes públicos, ampliou o grupo de amigos e interage com menos conflito com a família, embora ainda permaneça com a rotina de sono irregular. Os dados sugerem que as estratégias de reforço programadas pelos terapeutas foram suficientes para estabelecer e fortalecer comportamentos produtivos, sendo necessária a manutenção dessas contingências no ambiente familiar.</p> | |
| <p>PAULA SUZANA GIOIA; EMERSON BREDA, GIULIA PIGATTO, JÔNATAS CAMARGO CANCIO, LÍGIA MULLER, BEATRIZ SCARAMUZA MUNIZ, PAULO HENRIQUE MENDES; RODRIGO BORBOREMA</p> | <p>ATENDIMENTO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DE CRIANÇA COM TEA: RELATO DE CASO</p> |
| <p>Resumo: H., 4 anos, chegou à Clínica com os pais. Eles relataram diagnóstico precoce de TEA por parte do médico de uma UBS, que apontou incapacidade de aprendizado. Contaram que desde o nascimento, H. dormia pouco e acordava várias vezes durante a noite, atrapalhando diariamente o sono dos pais. Além disso, apresentava comportamentos agressivos, agitação, gritos e choros frequentes e dificuldade de seguir algumas regras tanto em casa quanto na escola. Identificamos também: hipersensibilidade a alguns sons, ecolalia e estereotipia de movimento das mãos e rosto. Encaminhamos H. ao psiquiatra (propiciando um sono regular em casa e na escola e redução da agitação). Os atendimentos dos terapeutas ocorreram semanalmente durante um semestre. Trabalhamos operantes verbais de mando e tato, seguimento de instruções e equivalência de estímulos. Cada etapa dos procedimentos aumentava em complexidade ou diminuía-se a ajuda para emissão da resposta (de acordo com as capacidades de H.); as consequências variaram entre palmas, elogios, alimentos, brinquedos ou o item pedido no mando. Servimos de modelo e incluímos a mãe nos procedimentos em quase todas as sessões. Orientamos pais e educadoras acerca do manejo de comportamentos socialmente indesejados. Os repertórios de mando, tato e seguimento de regras foram satisfatoriamente aprendidos ou aprimorados. Houve bom desempenho no matching-to-sample de identidade. A mãe passou a se comportar de forma mais consistente e a manejar melhor comportamentos desejados e indesejados do filho. A intervenção na creche não teve efeito relevante e a coordenação optou por isolar H. até este ser encaminhado para outra instituição.</p> | |
| <p>EMERSON FERREIRA DA COSTA LEITE; BIANCA GARCIA; FERNANDA PIMAZZONI; GIULIA GIANSANTE; MARIANA TIEMI; VICTÓRIA MENEZES</p> | <p>ENSINO DE LEITURA E ESCRITA UTILIZANDO O PARADIGMA DE EQUIVALÊNCIA EM CONTEXTO CLÍNICO AMBULATORIAL PARA UMA CRIANÇA DE 9 ANOS</p> |
| <p>Resumo: O paradigma de equivalência de estímulos tem sido utilizado com sucesso para a alfabetização de crianças, jovens e adultos com dificuldades acadêmicas, tanto aqueles que apresentam desenvolvimento típico quanto atípico. O presente trabalho de intervenção ocorreu com um menino de 9 anos com suspeita de autismo e com sua mãe. O objetivo foi a instalação de repertórios relacionados à leitura e escrita, com amparo da Análise do Comportamento. Após extensa avaliação da rede de</p> | |

| | |
|--|--|
| <p>relações envolvidas na leitura e escrita realizada pela mãe e por equipe de terapeutas anterior para identificar o repertório de entrada do cliente, foram utilizados a plataforma Amaru e slides em PowerPoint para a realização de testes e treinos de discriminações condicionais arbitrárias e de discriminações simples envolvendo seis conjuntos de palavras de treino e de generalização. Após cada sessão, foi permitido que a criança fizesse atividades de seu interesse. Observou-se como resultados: aumento da porcentagem de respostas corretas para a relação diretamente treinada palavra falada – palavra escrita; e para as relações não diretamente treinadas palavra escrita – nomeação (comportamento textual diante de palavras inteiras); figura – palavra escrita e palavra escrita – figura (leitura com compreensão); vogais/letras/sílabas escritas – nomeação (comportamento textual diante de unidades linguísticas menores). Além disso, verificou-se acertos também para palavras de generalização, não envolvidas no treino realizado, e que envolviam a recombinação das unidades menores. Quanto à escrita, identificou-se um pequeno aumento na relação palavra falada – palavra escrita (ditado) tanto na composição com letras impressas quanto com resposta manuscrita. Respostas de fuga/esquiva das tarefas ocorreram ao longo de todo o atendimento, mas tiveram a sua topografia alterada para formas que interferem menos com a realização das atividades.</p> | |
| <p>RODRIGO BORBOREMA; DANIEL DE MORAES CARO</p> | <p>ANÁLISE DA LITERATURA, IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL: UM REQUISITO PARA A PRODUÇÃO DE EVIDÊNCIAS</p> |
| <p>Resumo: A Análise do Comportamento tem desde sua origem um forte comprometimento com a sustentação empírica dos seus procedimentos; assim, era esperado que a Terapia Analítico-Comportamental (TAC) tivesse consistentes evidências empíricas de eficácia; entretanto, esta psicoterapia ainda carece de tais evidências. Além disso, há uma ausência de precisão da descrição dos procedimentos realizados na TAC, não tendo sido possível até hoje concluir quais são seus procedimentos e em que eles consistem. Para que sejam realizadas pesquisas experimentais que avaliem a eficácia da TAC, de acordo com os parâmetros da Prática Baseada em Evidências, é necessário anteriormente produzir uma especificação operacional dos procedimentos da TAC, que pode ser denominada de "manual". Objetivo: A partir disso, o presente trabalho teve como objetivo sintetizar a prática da TAC, apontando quais são os procedimentos de formulação de caso, intervenção e avaliação de resultados nela aplicados e em que eles consistem objetivamente. Método: Foi realizada uma revisão da literatura de pesquisas clínicas da TAC dos últimos 10 anos, atualizando-se o levantamento desta literatura. As nove pesquisas selecionadas foram analisadas inserindo-se em planilhas trechos que expressavam a aplicação de procedimentos, e categorizando estes através de três "afunilamentos". Registrou-se também outros dados acerca de cada estudo. Então, foram realizadas análises estatísticas descritivas dos procedimentos, identificando-se: o número e a porcentagem de aplicações de cada procedimento na amostra, e a quantidade e a porcentagem de estudos em que se aplicou o procedimento. Com isso, constatou-se o quanto cada procedimento foi aplicado, e em que a aplicação de cada procedimento consistiu. Analisou-se também um subgrupo de estudos de ansiedade/fobia social. Resultados: Foram identificados ao todo 117 procedimentos. Os principais (mais aplicados) procedimentos de formulação de caso foram respectivamente: análise molar; análise de tríplice contingência; avaliações funcionais inclassificáveis; e estabelecimento de objetivos da terapia. Os de intervenção foram: fornecimento de regras; apresentação ao cliente de avaliação funcional; procedimentos de exposição a estímulos aversivos; e tarefas de casa. E os de avaliação de resultados foram: uso de instrumentos (inventários, questionários e escalas); frequência dos comportamentos-alvo como indicador de resultado; embasamento no autorrelato vocal do cliente; e follow-up. Todos os procedimentos foram descritos com base nos correspondentes trechos selecionados e nas suas categorizações. Conclusões: Observou-se, além de constatações específicas sobre os procedimentos, que a TAC tem uma variedade considerável de procedimentos, que "indicadores" quantitativos são fundamentais na avaliação de resultados, e que avaliações funcionais e relatos verbais dos clientes são indispensáveis em todos os âmbitos desta psicoterapia.</p> | |
| <p>LÍGIA MÜLLER; PAOLA ESPÓSITO DE MORAES ALMEIDA</p> | <p>O USO DO QUESTION ABOUT BEHAVIOR FUNCTIONS (QABF) COMO ESTRATÉGIA PARA AVALIAÇÃO FUNCIONAL INDIRETA DO TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO</p> |
| <p>Resumo: O presente trabalho teve por objetivo identificar possíveis contingências relacionadas com a origem e manutenção de comportamentos obsessivos compulsivos e de escoriações (skin picking) de duas jovens, a partir de uma estratégia indireta de avaliação. Participaram do estudo duas díades compostas por um familiar e sua filha. Na primeira fase, foi conduzida a avaliação indireta dos comportamentos obsessivos - compulsivos a partir do uso do Question About Behavior Function (QABF) e da Escala de Acomodação Familiar (FARS), que permitem o levantamento de contingências determinantes de comportamentos de interesse e a avaliação da interferência dos TOC no funcionamento da família. Ainda durante a Fase 1, foram conduzidas entrevistas e solicitado o monitoramento familiar dos comportamentos de interesse durante 5 a 6 semanas. Na segunda fase da pesquisa, intervenções funcionalmente orientadas pelos resultados da Fase 1 foram conduzidas e alterações no funcionamento familiar e no número de episódios obsessivos compulsivos ou escoriações das participantes avaliadas. Os resultados do QABF e dos episódios de monitoramento conduziram a hipóteses divergentes no caso de uma das participantes e parcialmente convergentes, no caso da segunda. Os resultados do monitoramento foram adotados para orientar os tratamentos, dada a identificação de eventos subsequentes, que não haviam sido contemplados nos resultados do QABF. No caso da primeira díade, a manipulação de contingências de atenção familiar acompanhou a redução nos comportamentos de escoriação e fuga/esquiva de contaminação. Para a segunda díade, a manipulação de contingências reforçamento negativo foi programada, de forma a estabelecer a) a reapresentação de tarefas e o reforçamento positivo de respostas de cooperação e b) O Um treino de Comunicação Funcional, com liberação de tarefas contingente a respostas alternativas ao TOC. Apenas a primeira parte da orientação foi cumprida pela familiar, de maneira irregular. Os resultados da intervenção foram modestos e dificuldades na manutenção do registro foram observadas.</p> | |

**(Novos) problemas e perspectivas na
análise aplicada do comportamento: as terapias comportamentais**

João Eduardo Cattani Vilares

Há exatos 20 anos, Guilhardi (2002), no XI Encontro de Pesquisadores do Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP (XI LABEX)¹, apresentou problemas e perspectivas da prática clínica do analista do comportamento que vigoravam naquele momento. Ele apontou diversos aspectos que deveriam ser considerados pela comunidade para o avanço da área:

1. Aproximar psicoterapeutas e pesquisadores básicos em encontros, congressos e outras atividades em comum, favorecendo a modelagem dos repertórios uns dos outros.
2. Continuar utilizando como guia as dimensões da Análise do Comportamento Aplicada, de acordo com Baer, Wolf e Risley (1968).
3. Criar contingências, em cursos de graduação e pós-graduação, para o aluno conhecer o Behaviorismo Radical e o modelo de seleção pelas consequências, bem como a linguagem conceitual específica que descreve relações precisas entre estímulos e respostas, afastando o mentalismo, conforme proposto por Michael (1980).
4. Promover condições para manter o profissional conectado ao ambiente acadêmico para que seu repertório esteja sob influência de uma comunidade profissional.
5. Estabelecer condições para que os profissionais sejam capazes de apontar quais variáveis independentes estão sendo manipuladas e os benefícios disso para se alcançar as mudanças terapêuticas (variáveis dependentes) desejadas.
6. Abandonar os mitos da uniformidade do paciente e da uniformidade do psicoterapeuta.
7. Estudar mais o que foi publicado sobre comportamento verbal.

Alguns desses temas serão revisitados e novos problemas e perspectivas da terapia comportamental serão mencionados neste texto².

¹ Trabalho intitulado “Problemas e perspectivas da análise aplicada do comportamento: o caso da clínica”.

² Este trabalho teve início em 2020.2, na disciplina “História da Prática do Analista do Comportamento”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento da PUC- SP, ministrada pelo prof. Marcos Azoubel. Posteriormente, foi apresentado no XXVI Encontro de Pesquisadores do Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP (XXVI LABEX).

É importante destacar que o próprio Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento da PUC-SP, onde se originou e continua a se desenvolver essa discussão, por meio de seus professores, coordenação e alunos, manteve-se na vanguarda de muitas dessas propostas feitas por Guilhardi (2002). No Programa, é possível aprender sobre o rigor conceitual proposto por Michael (1980) e Baer et al. (1987)³. Também são abordados os avanços experimentais na área do comportamento verbal⁴, são apresentados os principais debates que fomentaram o campo⁵ e são trazidos aos alunos os debates mais atuais⁶. Ressaltam-se, ainda, o estudo em profundidade da obra de Skinner⁷ e a aproximação entre a Análise do Comportamento e a área da educação⁸. Não fosse o bastante, ainda é possível adquirir os comportamentos de um experimentalista conforme apontado por Ferster (1972), pois o Programa é um dos poucos do país que ainda possui um laboratório de psicologia experimental ativo (Almeida et al., 2022). O Programa possui, ainda, encontros e cursos anuais voltados a divulgar a Análise do Comportamento tanto ao público interno, por meio do LABEX, quanto ao público externo, por meio do Curso de Verão – utilizado também para treinar os pós-graduandos em docência –, e o Encontro de Análise do Comportamento (EAC), organizado por graduandos em psicologia e aberto a toda comunidade.

Repertório Conceitual do Terapeuta Comportamental

Um dos problemas apontados por Guilhardi (2002), citando Michael (1980), foi a perda do rigor conceitual com que se comunicam os procedimentos psicoterapêuticos, com menor adesão aos princípios e aos pressupostos que deveriam embasá-los, como os do Behaviorismo Radical. Atualmente, esse problema está potencializado no campo também por conta da pluralidade de nomenclaturas e siglas para nomear terapias de base comportamental existentes, que tornam a área heterogênea e fragmentada (Costa, 2011; Pavan-Cândido, 2019). As principais são: a Psicoterapia Analítica-Funcional (FAP, do inglês *Functional Analytic Psychotherapy*), proposta por Kohlenberg e Tsai (2001/1991); a Terapia Comportamental Dialética (DBT, do inglês *Dialectical Behavior Therapy*),

³ Disciplina “Conceitos Básicos: Desenvolvimento e Avanços Recentes”, ministrada pela profa. Paula Gioia.

⁴ Disciplina “Comportamento Verbalmente Governado e Prática Clínica”, conduzida pela profa. Paola Esposito.

⁵ Disciplina “História da Prática do Analista do Comportamento”, ministrada pelo prof. Marcos Azoubel.

⁶ Disciplina “Avanços Recentes na Análise Experimental do Comportamento”, ministrada pelo prof. Amílcar.

⁷ Disciplina “Sobre o Behaviorismo”, ministrada pela profa. Nilza Micheletto.

⁸ Profa. Mônica Gianfaldoni, profa. Maria Eliza Pereira e colegas.

proposta por Linehan (2010/1993); a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT, do inglês *Acceptance and Commitment Therapy*), proposta por Hayes et al. (2021/2011) – todas norte-americanas –; a Terapia Analítico-Comportamental (TAC), proposta por um grupo de autores liderados por Meyer (Meyer et al., 2010); e a Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR), sistematizada por Guilhardi (2004) – ambas brasileiras.

O psicoterapeuta que inicia seus estudos por meio de uma ou outra dessas siglas acaba por ser exposto a uma forma específica de se comunicar e organizar o que deve fazer em seu trabalho. A princípio, isso não é um problema, pois cada autor tem seu estilo próprio e enfatiza mais um ou outro aspecto. O problema passa a existir quando os diferentes autores nomeiam de diferentes maneiras práticas semelhantes (Vilares, 2022). Apesar de alguns autores não acharem apropriada a comparação direta entre abordagens das ondas cognitivas-comportamentais americanas (Hayes, 2004) e as práticas brasileiras, sabe-se que essas psicoterapias exercem influências em psicoterapeutas brasileiros (Oshiro & Ferreira, 2021; Pavan-Cândido, 2019).

Em Linehan (2010/1993), proponente da DBT, é possível encontrar em todo o texto menções a princípios da Análise do Comportamento, mas a autora não faz referência alguma a Skinner em sua obra. Além disso, ela propõe embasar sua prática na filosofia dialética em vez do Behaviorismo Radical. Não fica claro quais são os reais motivos dessa mudança – ou mesmo se há algum. Um outro exemplo é encontrado em Hayes et al. (2021/2011): os autores propõem que o Contextualismo Funcional de Pepper seja adotado no lugar do Behaviorismo Radical na ACT. Ferreira (2021), em sua tese de doutorado, investigou semelhanças entre o Contextualismo Funcional e o Behaviorismo Radical em vários níveis de análise e concluiu que o modelo explicativo do comportamento é o mesmo para ambas. O autor escreveu que “incompatibilidades podem ser observadas em relação ao uso de termos de nível intermediário e linguagem vernacular na formação de terapeutas e na sua utilização em textos científicos” (Ferreira, 2021, p. 217). Mais adiante, explicitou que a situação “se agrava com a proposta de termos de nível intermediário como um projeto de disseminação da ACT, sem a necessidade de uma sólida formação nos princípios básicos do comportamento e no sistema filosófico subjacente a essa proposta” (Ferreira, 2021, p. 222). De Rose (2021), ao comentar as propostas de Hayes (2021) para adesão ao Contextualismo Funcional em detrimento do Behaviorismo Radical, afirmou que renomear aquilo que já está estabelecido na literatura – em vez de complementar ou atualizar o conhecimento produzido pelo campo – pode gerar uma fragmentação desnecessária, levando a um distanciamento conceitual e filosófico. Pôde-

se concluir, neste caso, que os psicoterapeutas estão sendo influenciados pela comunidade de outros psicoterapeutas, que utilizam outros termos, e não pela prática e pela terminologia em Análise Experimental do Comportamento, o que pode contribuir para uma diminuição na unidade conceitual do campo, especialmente para novos ingressantes.

As outras três siglas – FAP, TAC e TCR – são declaradamente apoiadas no Behaviorismo Radical e na Análise do Comportamento, de acordo com seus proponentes. O que provavelmente favorece uma maior coesão conceitual entre os diferentes modelos terapêuticos e uma relação mais clara com os princípios básicos, aplicados e filosóficos da análise do comportamento.

Considerando a fragmentação da terapia comportamental em diferentes modelos (representados por um conjunto de siglas), alguns dos quais não apresentam explicitamente os pressupostos, termos e conceitos da área, é plausível pensar que a questão apontada por Guilhardi (2002) está potencializada atualmente. Afinal, novos psicoterapeutas que iniciam na área por meio de um desses modelos específicos podem se afastar de toda a produção de conhecimento acumulada pelos analistas do comportamento ao longo de diversas décadas.

Terapias de Base Comportamental

O embasamento declarado de algumas terapias no Behaviorismo Radical e a existência de outras declaradamente apoiadas em princípios da Análise Experimental do Comportamento nos leva ao segundo problema, que ainda se encontrava incipiente há 20 anos, quando Guilhardi (2002) apresentou suas reflexões: a pluralidade de siglas para nomear o que o psicoterapeuta comportamental deve fazer em sua atuação clínica (Costa, 2011; Pavan-Cândido, 2019). Essas abordagens surgem por muitos motivos. Um deles é o objetivo de resolver questões que o modelo de terapia anterior supostamente não foi capaz de resolver ou capaz de enfatizar, embora muitas vezes não fique clara a necessidade de se utilizar novas terminologias. Alguns trechos em que os propositores de algumas dessas siglas apresentadas anteriormente justificam a criação dessas terminologias são apresentados a seguir:

Muito embora a FAP seja um tipo de terapia comportamental, ela é bastante diferente das terapias comportamentais tradicionais, tais como o treinamento em habilidades sociais, reestruturação cognitiva, dessensibilização e terapia sexual. Ao contrário daquelas, as técnicas utilizadas pela FAP são concordantes com as expectativas dos clientes, que buscam uma experiência terapêutica profunda,

tocante, intensa. ... as regras [da FAP] não oferecem aos terapeutas a orientação específica para cobrir todo momento ou situação da sessão. Espera-se que os terapeutas atuem de forma a depender de sua experiência e de outras teorias (Kohlenberg & Tsai, 2001/1991, p. 2-27)

definida funcionalmente, consiste de qualquer método que produza, de modo confiável, flexibilidade psicológica; teoricamente falando, qualquer método baseado na teoria da flexibilidade psicológica que descrevemos aqui poderia ser chamado de “ACT”, caso aqueles que estiverem empregando os métodos optem por descrevê-lo desse modo. (Hayes et al., 2021/2011, p. 79)

O terapeuta experiente sem dúvida observa que a TCD [Terapia Comportamental Dialética] se sobrepõe consideravelmente a muitas outras escolas terapêuticas, inclusive aquelas identificadas como comportamentais e cognitivo-comportamentais e as que não se identificam como tal. Embora possa haver pouca coisa ou nada verdadeiramente novo na TCD ... A aplicação de estratégias de tratamento em qualquer abordagem ainda é mais uma arte do que uma ciência. (Linehan, 2010/1993, p. 119)

O termo terapia comportamental já não respondia mais à necessidade da comunidade de analistas do comportamento, pois estava muito associado às terapias baseadas em pressupostos respondentes e/ou mediacionais, tais como a comportamental-cognitiva e outras assemelhadas.

Era necessário, por um lado, tentar unificar minimamente a forma pela qual analistas do comportamento nomeavam seu trabalho na clínica... O termo analítico-comportamental identifica, de imediato, a fundamentação teórica na qual essa terapia é baseada (Zamignani et al., 2008, p. 9)

parece oportuno adotar um termo que substitua a denominação Terapia Comportamental por outro, Terapia por Contingências de Reforçamento, que se espera seja mais descritivo do envolvimento conceitual, experimental e aplicado dos terapeutas e menos envolto em equívocos e impropriedades. (Guilhardi, 2004, p. 7)

Mais recentemente, Hayes e Hofmann (2020/2018) adicionaram uma outra terminologia ao campo das terapias comportamentais e cognitivas, a Psicoterapia Baseada em Processos. Os autores comentaram:

Nosso argumento não é novo. Na verdade, isso nos traz de volta ao começo da terapia comportamental e de seu elemento fundacional – análise funcional. A análise funcional utiliza avaliações idiográficas de um comportamento-alvo, a história e o contexto no qual ele ocorre para identificar a relação funcional entre variáveis que causam ou contribuem para a ocorrência desse comportamento ... As raízes históricas e filosóficas da análise funcional estão baseadas na abordagem de Skinner para analisar a ação em seu contexto histórico e situacional. (Hayes & Hofmann, 2020/2018, p. 78)

Os comentários dos autores da ACT e da DBT não deixam clara a real necessidade da adoção de novos termos. Os autores da FAP, da TAC e da TCR apresentam a mesma justificativa para a criação de um novo termo: separar o joio do trigo, isto é, buscam continuar sendo terapeutas comportamentais, diferenciando-se de outras terapias comportamentais e não comportamentais. Hayes e Hofmann afirmam que o elemento básico da psicoterapia baseada em processos é a análise funcional proposta por Skinner; ainda assim, propõem uma nova terminologia. Quais das psicoterapias citadas não seriam baseadas em processos, não utilizam princípios do comportamento e não utilizam análise funcional? Ainda que se busque resolver o problema da heterogeneidade do campo, adicionar uma nova nomenclatura parece contribuir para o problema em vez de reduzi-lo – separa o trigo do trigo.

Vale mencionar que a criação de um termo para um tratamento qualquer não é um mero exercício acadêmico ou conceitual, como pode soar em um primeiro momento. As propostas envolvem *marketing*, livros, cursos, congressos, financiamentos e comercialização. Seriam, então, parte de um “*business*”? Ou influenciadas por questões narcísicas? A comunidade deve considerar essas e outras possibilidades ao entrar em contato e consumir novos tipos de tratamentos, uma vez que tais tratamentos tendem a influenciar a dinâmica de quem atua na área, afastando-a ou aproximando-a de seus pressupostos (Almeida et al., 2020).

A falta de justificativas consistentes para a criação de novos modelos terapêuticos levanta diversos questionamentos e pode implicar em problemas apontados anteriormente, como a diminuição de um senso de comunidade e também a perda de consistência conceitual e tecnológica vinculada ao conhecimento acumulado pela análise

do comportamento. Diante disso, caberia a pergunta: no que esses tratamentos se assemelham e no que diferem entre si?

Comportamentos do Terapeuta Comportamental

Há uma preocupação crescente nos últimos anos para que se analisem criticamente as psicoterapias comportamentais tanto em relação a uma definição rigorosa da prática clínica, quanto por evidências de sua efetividade (Leonardi, 2017) quando comparado ao momento em que Guilhardi (2002) elaborou suas perspectivas.

A preocupação com uma definição mais clara de terapia comportamental contemporânea faz com que a comparação entre modelos de terapias comportamentais torne-se relevante, apresentando-se como um caminho integrativo para a área. Realizar uma comparação entre modelos psicoterapêuticos é uma atividade complexa, pois os proponentes têm diferentes estilos de escrita, escrevem para públicos distintos, utilizam terminologias variadas e dão ênfases diferentes para cada tema (Ferreira, 2021; Vilares, 2022). Resulta disso que à primeira vista, não ficam claras as semelhanças entre uma e outra – sobressaem-se as diferenças –, o que torna necessário traduzir as propostas em termos comportamentais e analisá-las comparativamente – em outras palavras, uma reinterpretação teórico-conceitual daquilo que foi escrito, tomando como referência a *Análise do Comportamento* (Ferreira, 2021).

Vilares (2022) conduziu uma análise dos textos de apresentação (ou manuais) de cinco terapias de base comportamental (ACT, FAP, DBT, TAC e TCR) para identificar quais são as competências clínicas (i.e., comportamentos esperados por parte dos terapeutas) para cada uma e identificar quais são as semelhanças e diferenças entre elas. Verificou-se que as terapias comportamentais mantêm-se semelhantes em seus principais aspectos, como determinismo ambiental, relação terapêutica, avaliação de caso e intervenções propostas. As diferenças foram notadas no estilo dos autores e nos aspectos teóricos enfatizados, como a formulação de caso.

Com base nos resultados identificados, foram apresentados os comportamentos considerados importantes pelos proponentes de cada uma delas. A proposta apresentada foi de analisar comportamentos terapêuticos, a despeito das siglas e terminologia adotadas, em busca de homogeneidade na identidade do terapeuta comportamental contemporâneo (Vilares, 2022).

Efetividade do Terapeuta Comportamental

Independentemente da nomenclatura utilizada, uma preocupação atual da área é de que o analista do comportamento, em especial o clínico, deveria ser capaz de fazer

mais. Isso é, ir ao ambiente natural do cliente, trabalhar com queixas do tipo “início, meio e fim”, oferecer para a comunidade provas reais de efetividade, atendendo ao interesse de pesquisadores, associações e consumidores (Guedes, 1993; Leonardi, 2017).

Um possível determinante para essa preocupação surgiu nos Estados Unidos: a pressão representada pelo *managed care* – órgão que regulariza o financiamento a serviços de saúde – para a realização de estudos que comprovassem a eficácia das psicoterapias nos anos 1990, de modo que apenas aqueles tratamentos comprovadamente eficazes fossem financiados (Neno, 2005). A *American Psychological Association* (APA) se pronunciou sobre o tema por meio de forças-tarefa (APA, 2006) dedicadas aos pressupostos e às maneiras como estudos empíricos podiam ser realizados para a verificação da eficácia das práticas psicoterapêuticas. Nesse contexto, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), por conta de sua afinidade com o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* (DSM) e de seus pressupostos teórico-práticos e metodológicos, acabou ficando conhecida como a principal prática psicológica baseada em evidência (Hayes & Hofmann, 2020/2018; Neno, 2005). Embora a efetividade das intervenções e a validade social também sejam preocupações da área, as propostas psicoterapêuticas embasadas na Análise do Comportamento possuem outro referencial teórico e metodológico para a verificação de eficácia (Baer et al., 1987). Nesse sentido, a Análise do Comportamento privilegia a mensuração de comportamentos de sujeito único (Chiesa, 2006), o que a torna menos orientada a ensaios clínicos randomizados, considerados padrão-ouro para indicar uma prática baseada em evidência nas áreas da saúde (Leonardi, 2017).

Leonardi (2017) afirmou que, além de necessitar de uma definição mais rigorosa de sua prática, os terapeutas comportamentais contentam-se com a utilização de princípios do comportamento validados em contextos experimentais mas, segundo o autor, isto não é o suficiente para que se possa avaliar se uma intervenção foi planejada e realizada conforme planejada (variável independente), bem como o seu resultado (variável dependente) no ambiente clínico, sendo necessária maiores investigações dos processos de mudança. Essa perspectiva conflita com a de psicólogos comportamentais, que afirmam que o psicoterapeuta, em seu dia a dia, terá seu comportamento de intervir modelado por meio das mudanças no comportamento do cliente atendido, que são imprevisíveis, mas que “têm potencial para a análise comportamental porque muitos desses fenômenos e procedimentos não parece que possam ser descobertos de nenhuma outra maneira” (Ferster, 1967, p. 2, como citado em Guilhardi, 2002).

Ainda que o psicoterapeuta seja beneficiado ao acessar informações sobre pacotes de tratamento e intervenções que demonstraram efetividade em estudos clínicos, a responsabilidade para implementar tais intervenções com um cliente em particular, avaliar o resultado das intervenções e implementar novas intervenções quando estas não atingirem os objetivos ainda é do psicoterapeuta que atua no caso, o que se traduz em uma atividade contínua de variabilidade comportamental rumo ao progresso terapêutico.

Linehan (2010/1993) afirmou que “o principal comportamento que promove a terapia é simplesmente fazer progresso rumo a objetivos comportamentais. Os comportamentos importantes para terapeutas ... são específicos de cada terapeuta e variam com o contexto” (p. 136). Variar com o contexto significa, por exemplo, que os comportamentos do psicoterapeuta devem estar sob controle das necessidades e capacidades de cada cliente, e ser modelado por elas. Isso inclui considerar fatores que limitam a efetividade da psicoterapia na prática cotidiana, o que Baer et al., (1987) chamaram de “sistemas” que mantêm os comportamentos. Muitas razões levam o cliente a faltar, interromper a psicoterapia, não se comprometer ativamente com o processo e receber outras influências concomitantemente. A motivação é um fator que favorece ou limita a adesão ao tratamento. Muitas vezes, o psicoterapeuta é capaz de enxergar uma solução conceitualmente efetiva para a problemática trazida pelo cliente. Ele faz a análise, sabe o que precisaria ser feito, o que não significa que a solução seja concretizável. Pode-se dizer que, no caso da psicoterapia, o profissional deve criar condições para que a adesão ocorra por parte do cliente, driblando sua resistência, firmando compromissos e alterando comportamentos que destroem a psicoterapia (Linehan, 2010/1993), mas estes são, muitas vezes, mais exemplos de soluções conceitualmente possíveis, mas nem sempre concretizáveis.

Guedes (1993) escreveu que os modificadores de comportamento “foram descobrindo os limites do aparente poder que julgavam ter. Não era tão fácil assim atender a comunidade científica” (p. 82). Continua não sendo fácil atender diversas comunidades ao mesmo tempo. Psicoterapeutas deveriam atender a todas elas? Reconhecer certos limites da psicoterapia poderia ser positivo para a área? Afinal, qual profissão não possui limites?

Baer et al. (1987) defendem que a avaliação das intervenções que não funcionaram é uma prática relevante para o progresso da área, de modo a encorajar debates e maiores estudos, e em um outro extremo, apontam que seria importante considerar que, em certos casos, uma intervenção poderia ser vitalícia, como um remédio

de uso contínuo que mantém um certo funcionamento de uma pessoa diante de condições pouco ou nada mutáveis. Considerar essa possibilidade é assumir certos limites de efetividade da Análise do Comportamento Aplicada e é também estar além da lógica comercial, mas a serviço das necessidades e da análise do comportamento de um cliente em particular.

É disso que se trata a psicoterapia: compreender o cliente, analisar e avançar por meio da criação de contingências específicas para mudar o repertório do cliente, tornando-o capaz de, progressivamente, modificar os problemas de condicionamento causados pelo controle aversivo a que foi submetido em sua história singular de contingências (Skinner, 2007/1953).

Sugestões e Considerações Finais

Novos problemas e perspectivas da área foram apresentados neste texto, que tem carácter reflexivo a respeito da prática clínica, e que reuniu pesquisas, experiências pessoais e profissionais do autor enquanto terapeuta comportamental. As questões apontadas agora complementam aquelas mencionadas há vinte anos, que continuam sendo objeto de preocupação de analistas do comportamento, como por exemplo a entrada de novos integrantes na área e de como será a relação desses novos membros com os pressupostos definidores do campo, e trazem novas questões, como se o acúmulo e a atualização de conhecimento prevalecerão sobre a fragmentação e o dogmatismo, entre outros. As análises realizadas neste artigo deixam em perspectiva algumas questões para serem fomentadas pela comunidade:

1. Os problemas e perspectivas descritos há 20 anos por Guilhardi (2002), bem como os descritos agora, fazem parte do desenvolvimento da área. Não é esperado que eles se resolvam ou findem, mas evoluam. Assim como as dimensões propostas por Baer et al. (1968, 1987) e Kohlenberg et al. (1993) servem como bússolas, os problemas e as perspectivas apontadas também podem vir a ser referências para se pensar a dinâmica da área clínica.
2. As principais terapias de base comportamental mantêm-se semelhantes entre si em relação a seus princípios filosóficos e comportamentos esperados de terapeutas (Ferreira, 2021; Vilares, 2022). Assim, pode-se questionar a necessidade de se utilizar outras nomenclaturas e siglas por parte daqueles assumidamente analistas do comportamento.

3. Os que assumem que os fundamentos da Análise do Comportamento são suficientes para embasar atividades aplicadas como a prática clínica poderiam restituir, fortalecer e assumir o termo “terapia comportamental”, utilizado originalmente por Lindsley, Skinner e Solomon em 1953, ou mesmo “psicoterapia comportamental”, para mitigar a fragmentação da área, e ao mesmo tempo atualizar o termo “terapia comportamental” dentro e fora da comunidade.
4. A afirmação de que a terapia comportamental, independentemente da terminologia adotada por cada modelo terapêutico, como em qualquer outra área profissional, está sujeita a fatores contextuais que favorecem e que limitam sua efetividade não é o mesmo que dizer que a área sofre de uma falha teórica, que é incapaz de oferecer resultados socialmente relevantes, que é incapaz de desmontar efetividade, nem significa culpar o cliente. Ainda resta saber como a área clínica lidará com essa constatação, como educará os consumidores, como se aproximará de outras áreas de conhecimento e buscará seu reconhecimento social sem abrir mão de seus pressupostos (Baer et al., 1987).
5. Devido a características do trabalho clínico, Guedes (1993) escreveu que “o máximo que se pode esperar é contar com a sorte ou mesmo criar contingências na sessão para a formulação de conselhos ou regras que então serão seguidas, desmanchar alguns estímulos aversivos eliciadores de ansiedade e reforçar o cliente produzindo um fugaz sentimento de autoestima” (p. 84). Diante de certos contextos, isso muitas vezes é o possível. Mas podemos nos perguntar: isso seria, de fato, pouco? Feito isto, será possível fazer mais? As possibilidades comportamentais não têm fim.
6. Existem formas por meio das quais todo psicoterapeuta pode verificar a efetividade de suas práticas no dia a dia: solicitar e tornar frequente a comunicação com o cliente entre sessões, por ligação e/ou mensagens; implementar a comunicação com terceiros do convívio do cliente, mantendo o respeito ao vínculo e ao sigilo; pedir ao cliente evidências como fotos/arquivos que demonstrem se o comportamento de interesse ocorreu fora do ambiente clínico; ser capaz de identificar se houve mudanças no repertório do cliente em seguida ao que ocorreu em sessão; e realizar apresentação e supervisão frequente de casos. O cliente, evidentemente, deve se sentir à vontade para tal e ter seu

comportamento colocado, em última instância, sob controle de reforçamento natural e não do reforçamento arbitrário do psicoterapeuta.

7. A indicação de que a terapia comportamental, em especial a brasileira, não possui evidências científicas compatíveis com a área da saúde é olhar para a área a partir de outros referenciais, não analítico-comportamentais. A Análise do Comportamento possui seu arcabouço teórico-conceitual fortemente vinculado à pesquisa básica empírica, ao estudo de sujeitos únicos, e demonstrou e consolidou inúmeros processos comportamentais (verbais e não verbais) em humanos e não humanos, que se encontram descritos nos principais livros e revistas da área (*Journal of Applied Behavior Analysis*, *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* e outros). Seria necessário realizar novas pesquisas para atestar esses mesmos princípios em contexto de psicoterapia? Tais evidências, uma vez demonstradas, seriam destinadas para os próprios analistas do comportamento ou para terceiros? Resultariam em uma melhora dos serviços prestados? Teriam maior credibilidade [a almejada validade social] para a comunidade?
8. Os repertórios apontados como eficientes pelos proponentes e pelas pesquisas de eficácia só serão úteis se o clínico for competente para identificar regras, operações motivacionais, antecedentes, respostas e consequências do comportamento na vida cotidiana do cliente e em sua interação com ele. O psicoterapeuta fica responsável por identificar mudanças, evidências de melhora ou de piora, e por rever suas intervenções continuamente, preferencialmente acompanhado por um supervisor. Assim ele será capaz de encontrar caminhos melhores e, uma vez que sejam conhecidos os princípios do comportamento envolvidos no caso, os limites poderão ser pouco a pouco diminuídos.

Por fim, o leitor poderá entusiasmar-se em saber sobre outra perspectiva para a análise do comportamento, desta vez feita por Roediger (2005/2004), psicólogo cognitivista, então presidente da *American Psychological Society*. Ele afirmou, em tom de previsão, que nos próximos anos “uma poderosa forma de behaviorismo faria um retorno ao centro das tendências da psicologia” (p. 6). Cabe a nós encontrarmos formas de concretizá-la.

Referências

- Almeida, P. E. M., Fonseca Júnior, A. R., Leite, E. F. C., Freitas, L. C., Santos, B. C. & Man, T. S. L. (2022). Animal laboratories for teaching and research of behavior analysis in Brazil. *Operants, I*, 37-40.
- Almeida, P., Guedes, M. L., & Santos, W. M. (2020). A prática clínica do analista do comportamento: Possibilidades, desafios e uma necessária revisão. In Almeida, P. E. & Guedes, M. C. (Orgs.). *Análise do comportamento na pós-graduação: Pesquisas e reflexões do Programa de Psicologia Experimental da PUC-SP*. CRV.
- American Psychological Association (APA). (2006). Evidence-based practice in psychology: APA presidential task force on evidence-based practice. *American Psychologist, 61*(4), 271-285. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.61.4.271>
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis, 1*(1), 91-97. <https://doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91>
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1987). Some still-current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis, 20*(4), 313-327. <https://doi.org/10.1901/jaba.1987.20-313>
- Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo radical: A filosofia e a ciência* (C. E. Cameschi, Trad.). Celeiro/IBAC Editora. (Obra original publicada em 1994).
- Costa, N. (2011). O surgimento de diferentes denominações para a terapia comportamental no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 13*(2), 46-57. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v13i2.453>
- De Rose, J. C. (2021). Will the wing fly away from the body? A commentary on Steven Hayes' Chapter, Contextual Behavioral Science. In D. Zilio, & K. Carrara (Eds.). *Contemporary behaviorisms in debate* (pp. 257-264). Springer Cham.
- Ferreira, V. S. (2021). *Relações entre propostas psicoterápicas brasileiras e americanas e a análise do comportamento* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental – Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.
- Ferster, C. B. (2007). Psicoterapia do ponto de vista de um comportamentalista. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 3*(1), 121-144. (R. R. Kerbauy, Trad., & D. G. Souza, Rev.). (Obra original publicada em 1979). <https://doi.org/10.18542/rebac.v3i1.828>
- Ferster, C. B., Culbertson, S., & Boren, M. C. P. (1978). *Princípios do comportamento*. Hucitec. (Obra original publicada em 1968).

Guedes, M. L. (1993). Equívocos da terapia comportamental. *Temas em Psicologia*, 1(2), 81-85. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000200011&lng=pt&tlng=pt.

Guilhardi, H. J. (2002). Problemas e perspectivas na análise aplicada do comportamento: O caso da clínica. *LABEX (Encontro de Pesquisadores do Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP)*. São Paulo, SP, Brasil, VI. Recuperado de https://itcrcampinas.com.br/pdf/helio/Problemas_Perspectivas.pdf

Guilhardi, H. J. (2004). Terapia por contingências de reforçamento. In C. C. N. Abreu, & H. J. Guilhardi (Eds.). *Terapia comportamental e cognitivo-comportamental: Práticas clínicas* (pp. 3-40). Roca.

Hayes, S. C. (2004). Acceptance and commitment therapy, relational frame theory, and the third wave of behavioral and cognitive therapies. *Behavior Therapy*, 35(4), 639-665. [https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(04\)80013-3](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(04)80013-3)

Hayes, S. C. (2021). Contextual behavioral science as a distinct form of behavioral research and practice. In D. Zilio, & K. Carrara (Eds.). *Contemporary behaviorisms in debate* (pp. 239-256). Springer Cham.

Hayes, S. C., & Hofmann, S. G. (2020). *Terapia cognitivo-comportamental baseada em processos: Ciência e competências clínicas*. Artmed. (Obra original publicada em 2018).

Hayes, S. C., Strosahl, K. D. G., & Wilson K. G. (2021). *Terapia de aceitação e compromisso: O processo e a prática da mudança consciente* (2a ed., M. Valentin, Trad.). Artmed. (Obra original publicada em 2011).

Kohlenberg, J. R., & Tsai, M. (2001). *Psicoterapia analítica funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. S Brandão, P. R. Derdyc, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, ... R. Starling, Trad.). ESETec. (Obra original publicada em 1991).

Kohlenberg, R. J., Tsai, M., & Dougher, M. J. (1993). The dimensions of clinical behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 16(2), 271-282. <https://doi.org/10.1007/BF03392636>

Leonardi, J. L. (2017). Reflexões sobre a terapia analítico-comportamental no contexto da prática baseada em evidências e possibilidades de atuação em análise do comportamento clínica. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(2), 215-230. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274551146005.pdf>

Linehan, M. (2010). *Terapia cognitivo-comportamental para transtorno da personalidade borderline*. Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1993).

Meyer, S. B., Del Prette, G., Zamignani, D. R., Banaco, R. A., Neno, S., & Tourinho, E. Z. (2010). Análise do comportamento e terapia analítico-comportamental. In E. Z. Tourinho, & S. V. Luna (Orgs.). *Análise do comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 153-174). Roca.

Neno, S. (2005). *Tratamento padronizado: Condicionantes históricos, status contemporâneo e (in)compatibilidade com a terapia analítico-comportamental* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Oshiro, C. K. B., & Ferreira, T. A. S. (Orgs.). (2021). *Terapias contextuais comportamentais: Análise funcional e prática clínica*. Manole.

Pavan-Cândido, C. C. (2019). *Terapias de base comportamental e terapias de base cognitiva: Aproximações e divergências a partir de uma análise histórica*. (Tese de doutorado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Roediger, H. L. (2005) O que aconteceu com o behaviorismo (R. R. Starling, Trad.). *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(1), 1-6. (Obra original publicada em 2004). <https://doi.org/10.18542/rebac.v1i1.672>

Skinner, B. F. (2007). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953).

Vilares, J. E. C. (2022). *As competências clínicas para as diferentes terapias comportamentais*. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Zamignani, D. R., Silva Neto, A. C. P., & Meyer, S. B. (2008). Uma aplicação dos princípios da análise do comportamento para a clínica: a terapia analítico-comportamental. *Boletim Paradigma*. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Recuperado de http://www.nucleoparadigma.com.br/nucleo/upload/arquivo/PA_Bo_2008_web.pdf

PROGRAMAÇÃO XXVI LABEX



PUC-SP

Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento

Laboratório de Psicologia Experimental

XXVI LABEX – 05 e 06 de dezembro de 2022

Programação

| | <i>Segunda-feira – 05/12/2022</i> | <i>Terça-feira – 06/12/2022</i> |
|--------------|--|--|
| 9h | Abertura do Evento pela Coordenação | Abertura do Evento pela Coordenação |
| 9h10 | A presença de Skinner nas referências das coletâneas da Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC) - ME <i>Alunos e alunas de Pesquisa Supervisionada</i> Linha 1 - Prof. Marcos S. Azoubel | As competências clínicas para as diferentes terapias comportamentais - ME João Eduardo Cattani Vilares |
| 9h30 | Reforçamento de cinco operantes discretos em procedimento de operante livre utilizando esquema Lag N - ME <i>Alunos e alunas de Pesquisa Supervisionada</i> Linha 2 - Prof. Emerson F. da Costa Leite | Sacher-Masoch: Uma Análise Behaviorista Radical - TCC Paulo Mendes |
| 9h50 | Efeito de uma regra especificadora de uma resposta de fuga sobre a supressão condicionada - ME <i>Alunos e alunas de Pesquisa Supervisionada</i> Linha 3 - Prof. Daniel de M. Caro | Elencando possíveis variáveis controladoras para o comportamento alucinatorio: uma revisão sistemática da literatura - TCC Milena Santiago |
| 10h10 | Efeitos do contexto ambiental de realimentação intermitente com alimentos palatáveis após a restrição alimentar em ratas <i>Alunos e alunas de Eletiva de Pesquisa da Graduação</i> Prof. Emerson F. da Costa Leite | Transtorno do Espectro Autista e o impacto nos irmãos e irmãs com desenvolvimento típico - ME Grazielle Willian Bonfim |
| 10h30 | Discussão com a audiência | Efeito do controle contextual da transformação de função sobre uma resposta de esquiva derivada: um análogo experimental de desfunção cognitiva - ME Matheus Henrique de Souza Mello |
| 10h50 | Intervalo | Discussão com a audiência |
| 11h | Construção e aplicação de um modelo de avaliação de bem-estar para organizações baseado nos princípios da análise do comportamento - ME Daniela Cotrim Basile de Carvalho | Intervalo |
| 11h20 | O acolhimento a demandas relacionadas ao comportamento suicida na atenção primária à saúde sob o enfoque analítico-comportamental - DO Maria Vanesse Andrade | Ferramentas analítico comportamentais para promoção de um ensino de qualidade: uma revisão bibliográfica - TCC Beatriz Scaramuza Muniz |

| | | |
|--------------------------|---|---|
| 11h40 | Intervenções mediadas por pares (PMI) e o ensino de comportamentos sociais a crianças com transtorno do espectro autista (TEA) - ME Karina Carpi | Estratégias para o Ensino de Análise do Comportamento <i>Monitores e Monitoras de Laboratório</i> Prof. Amílcar R. Fonseca Jr. Profa. Paula Suzana Gioia |
| 12h | Análise funcional em intervenções de <i>functional communication training</i> para o transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática e efeitos do uso de razão progressiva em um esquema encadeado de <i>functional communication training</i> - DO Renata Cristina Michel | Implicações políticas do mentalismo segundo a literatura analítico-comportamental - IC Giulia Gerardi Erhardt |
| 12h20 | Discussão com a audiência | Discussão com a audiência |
| Horário de almoço | | |
| 14h | Ensino simultâneo de mandos por informação manipulando operações motivadoras: uma replicação sistemática de Lemos (2017) - ME Flavia Maria Ascarenhas Veras Moraes | Avaliação funcional de comportamentos obsessivos compulsivos: propostas de intervenção para comportamentos negativamente reforçados Núcleo 2.8 – Profa. Paola Esposito de Moraes Almeida |
| 14h20 | Uma revisão bibliográfica dos estudos experimentais realizados sobre autoclínicos - ME Gabriel Spatafora | Atendimento de criança com TEA - Caso H. Núcleo 2.8 – Profa. Paula Suzana Gioia |
| 14h40 | Efeitos de NCR sobre respostas pré-estabelecidas e ensino de novas respostas: um estudo translacional - ME Maynary Elizabete Azevedo de Souza | Ensino de leitura e escrita utilizando o paradigma de equivalência em contexto clínico ambulatorial para uma criança de 9 anos Núcleo 2.8 - Prof. Emerson F. da Costa Leite |
| 15h | Discussão com a audiência e fechamento do dia | Discussão com a audiência |
| 15h20 | Jogo do Brasil na Copa do Mundo | Efeitos da psicoterapia analítica funcional sobre mudanças comportamentais nos contextos clínico e natural - DO Weslem Martins Santos |
| 15h40 | | Análise da literatura e síntese dos procedimentos da Terapia Analítico-Comportamental - TCC Rodrigo Borborema |
| 16h | | O uso do <i>Questions About Behavior Functions</i> (QABF) como estratégia para avaliação funcional indireta do Transtorno Obsessivo Compulsivo - IC Lígia Campos Müller |
| 16h20 | | Discussão com a audiência e fechamento do evento |

Evento on-line via Plataforma TEAMS



Link:

<https://teams.microsoft.com/l/team/19%3a275c637036db41b4bcd6684c51e547e6%40thread.tacv2/conversations?groupId=baf383e9-aeb9-4c19-b1f1-ea8c2f07b90d&tenantId=8eb29201-a27d-4302-8473-c982eb5be935>

Comissão Organizadora: Profa. Dra. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni
Prof. Dr. Emerson Ferreira da Costa Leite
Prof. Dr. Amílcar Rodrigues Fonseca Jr.
Doutorando Prof. Rodolfo Ribeiro Dib